



Universidade da Amazônia

Dois Proveitos em um Saco

de França Júnior

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Dois Proveitos em um Saco

de França Júnior

Personagens

Amélia Teixeira

Luís Teixeira, seu marido

Catarina, criada alemã

Boaventura Fortuna da Anunciação

A cena passa-se em Petrópolis, no verão de 1873.

ATO ÚNICO

Sala regularmente mobiliada

CENA I

Amélia e Catarina

Amélia (Mirando-se em um espelho) — Como achas este vestido?

Catarina — Vai-lhe às mil maravilhas, minha ama.

Amélia — Lisonjeira.

Catarina — Somente tenho que fazer-lhe uma observação. Permite-me?

Amélia — Fala.

Catarina — Parece-me que se a cauda fosse mais pequena...

Amélia — Tola, tu não sabes o que é o chique.

Catarina — Pois olhe, não é isto o que diz o seu Antonico Mamede.

Amélia — E quem é este Senhor Antonico?

Catarina — Seu Antonico Mamede é um moço louro, que costuma ir todos os sábados ao baile alemão. Aquilo é que é rapaz de truz. Se minha ama visse com que graça e elegância ele dança a polca!...

Amélia — Oh! Atrevida! Tu queres fazer-me confidências amorosas?

Catarina — Minha ama não namorou também ao Senhor Teixeira antes de se casar com ele? Ainda me lembro quando aqui chegaram em novembro do ano passado, para passarem a lua de mel. Vinham tão agarradinhos que dir-se-ia um casal de pombos batedores. E como estava este chalé! Era um brinco!

Amélia — E os tais oito dias oficiais da lua de mel prolongaram-se até hoje graças ao belo clima de Petrópolis. Ser condenada a passar aqui uma vida inteira, sem ter uma distração no inverno, contemplando, saudosa, todos os anos, esses bandos de andorinhas que voam para a corte, apenas o arvoredo começa a perder o brilho de suas folhas verde-negras. Ora, diz-me uma coisa. Este seu Antonico sofre do fígado?

Catarina — Do fígado?! Que lembrança! É um rapagão sadio como há poucos.

Amélia — Olha, Catarina, quando ele te pedir a mão, manda-o examinar atentamente por um médico e se tiver a tal víscera estragada, casa-te, mas não venhas passar a lua de mel em Petrópolis. Toma a receita e não te darás mal com ela. Antes de me levar ao altar, disse-me o Senhor Teixeira: — Vamos para Petrópolis, meu anjo; lá passaremos oito dias, respirando o ar puro dos campos, embalsamado pelo perfume suave das flores, em um pitoresco chalé que mandei alugar na rua de Dona Francisca. Acordaremos ao romper da aurora, ao cântico dos

passarinhos e juntos, bem juntos, como se fôramos duas almas em um só corpo, escreveremos a página a mais feliz da nossa vida naquele Éden de delícias. A perspectiva do quadro agradou-me. Passar a lua de mel no campo era um requinte do bom tom, que até certo ponto lisonjeava-me o amor próprio de moça elegante. Quando aqui chegamos, no começo do verão, Petrópolis começava a animar-se, e os oito dias correram velozes como um raio. Trazia as malas cheias de luxuosas toaletes. Escusado é dizer-te que regalei-me de arrastar sedas por estes campos. Passados os oito dias, disse-me meu marido que dava-se perfeitamente com este clima e que havia resolvido ficar mais dois meses. Aceitei a idéia. Aproximava-se o inverno, Petrópolis começava a despovoar-se e o Senhor Teixeira, que se sentia cada vez mais sadio e nutrido, foi-se deixando ficar por aqui, como se estivesse no paraíso. Em um belo dia apareceu-me ele todo expansivo e batendo-me no rosto com aquela afabilidade que lhe é peculiar, cravou-me em cheio no peito esta punhalada: — Amélia, dou-te a agradável notícia de que comprei este chalé e que não sairemos mais de Petrópolis. Quero restabelecer-me para sempre destas malditas cólicas de fígado. Ah! O fígado do meu marido! O fígado do meu marido! (Levanta-se)

Catarina — Porém, o que deseja mais, minha ama? Não vive aqui porventura tão feliz? Tem carro para passear todas as tardes ao alto da serra, mora em uma excelente casa, meu amo a adora.

Amélia — No verão. (Vai ao espelho)

Catarina — Está bem relacionada, todos a estimam, ouve música aos domingos no passeio público...

Amélia — No verão.

Catarina — Vai às partidas do clube, aos bailes do hotel Bragança...

Amélia — No verão! Mas no inverno, desgraçada, o que fico aqui fazendo?

Catarina — Come excelente manteiga fresca, magnífico pão de cerveja, bebe bom leite e passeia.

Amélia — E hei de passar aqui a minha mocidade, enquanto que outras mais felizes do que eu dançam no Cassino, vão às corridas do Jóquei Clube, divertem-se pelos teatros, gozam, enfim, de todos os prazeres da corte! Se soubesses como fico, quando neste ermo leio os jornais de maio a outubro! Nunca viste contar a história de certo sujeito que não tendo dinheiro para comer costumava colocar-se todos os dias à porta de um hotel e aí saboreava um pedaço de pão duro, aspirando o perfume das iguarias que partiam da sala de jantar? Assim sou eu quando recebo notícias da corte durante o inverno.

Catarina — Tenha fé em Deus, minha ama. Não havemos de ficar aqui eternamente.

Amélia — Que horas são?

Catarina — Oito horas. Vosmecê não vai buscar meu amo? Hoje é domingo e os carros da serra devem chegar às dez.

Amélia — Não; espero-o aqui. Antes de partir fizemos uma Philippina que vai decidir da minha sorte e não quero perder a única ocasião que tenho de mudar-me de uma vez para a corte.

Catarina — Uma Philippina?! O que vem a ser isto, minha ama?

Amélia — Eu te explico. Como sabes, Teixeira foi para o Rio a fim de tratar de um negócio importante, não querendo levar-me, sob pretexto de que a febre amarela lá está grassando com muita intensidade. Anteontem, quando jantávamos, descobri por acaso, à sobremesa, duas amêndoas unidas sob o mesmo invólucro. Comendo uma, e entregando outra a meu marido, disse-lhe *J'y pense*.

Catarina — Gypança?

Amélia — *J'y pense* é um jogo em que as mulheres ganham sempre e os homens perdem.

Catarina — E em que consiste este jogo?

Amélia — No seguinte: logo que Teixeira encontrar-me, se ao receber um objeto qualquer de minhas mãos não disser imediatamente *J'y pense*, terá de pagar uma prenda e o mesmo acontecerá comigo em idênticas circunstâncias.

Catarina — Que excelente jogo! E a senhora ganha com toda a certeza, porque ele não tarda a chegar e (Dando-lhe uma carta) pode meter-lhe logo nas mãos esta carta que há pouco vieram aqui trazer.

Amélia — Magnífico! (Guarda a carta) Aposto, porém, que não sabes quais foram as condições que estabelecemos.

Catarina — Se meu amo perder, dá à minha ama um bonito bracelete.

Amélia — Qual bracelete! Se Teixeira perder muda-se de uma vez para a corte e se eu tiver a desgraça de ser codilhada, bordo-lhe um par de chinelas.

Catarina — E meu amo estará pelos autos?

Amélia — Que remédio! Comprometeu a sua palavra de honra!

Catarina — Então tome cuidado que ele há de fazer todo o possível por ganhar.

Amélia — Veremos. Logo que o carro parar no portão, vem avisar-me. Arranja esta sala e manda preparar o almoço. (Sai)

CENA II

Catarina e depois **Boaventura**

Catarina (Arrumando a sala) — Muito sofre esta pobre moça, coitada! Ah! Se eu tivesse a fortuna que ela possui, como não seria feliz ao lado do meu Antonico! É verdade que eu o amo e ele me adora, mas o ofício de fazer bengalas não dá para viver e não há remédio senão ir dançando polcas até que lhe sobre alguma aragem de felicidade.

Boaventura (Entrando com uma mala e parasitas) — Ora, muito bons dias.

Catarina (Assustando-se) — Ah! Que susto!

Boaventura — Não se incomode comigo. Onde está a dona da casa? Faça o favor de guardar esta mala. Eu fico em qualquer quarto. Não sou homem de cerimônias. Peço-lhe que tenha cuidado com as parasitas.

Catarina — Mas quem é o senhor? O que quer?

Boaventura — Sou um homem, como vê. Vim passar alguns dias em Petrópolis e não hei de dormir no meio da rua.

Catarina — Mas isto aqui não é hotel.

Boaventura — Já sei o que vem dizer-me. Dos hotéis venho eu, não me conta nada de novo. Que noite! Se eu lhe disser que ainda não preguei olho até agora, talvez não acredite.

Catarina — E o que tenho eu com isto?

Boaventura — O que tem a senhora com isto?! Decididamente isto é uma terra de egoístas! Onde está a dona da casa, quero me entender com ela.

Catarina — Tome a sua mala, vá-se embora, senhor.

Boaventura — Sair daqui? Nem que me rachem de meio a meio.

Catarina (Atirando a mala e as parasitas no chão) — Eu já lhe mostro. (Sai)

Boaventura — Não me esbandalhe as parasitas.

CENA III

Boaventura e depois **Amélia**

Boaventura — E dizer-se que vem gente a esta terra para divertir-se! Pois não! Que belo divertimento, Senhor Boaventura. Sair um cidadão da corte com o sol a pino, suando por todos os poros, andar aos trambolhões da barca para o caminho de ferro, do caminho de ferro para os carros, chegar aqui quase ao cair das sombras, percorrer os hotéis um por um e ouvir da boca de todos os locandeiros esta frase consoladora: — Não há mais quartos, estão todos ocupados. Quem me mandou vir a Petrópolis! Pois eu não podia estar agora muito a gosto no beco do Cotovelo, aspirando o ar puro da praia de D. Manoel? Quem me mandou acreditar em caraminholas de febre amarela?

Amélia (Entrando) — O que deseja, senhor?

Boaventura — Sente-se, minha senhora, (Dando-lhe uma cadeira) e faça o favor de ouvir-me com toda atenção.

Amélia (À parte) — E então? Não é ele que vem oferecer-me cadeiras em minha casa?

Boaventura — Tenha a bondade de sentar-se.

Amélia — Estou bem.

Boaventura — Uma vez que quer ouvir-me em pé, não faça cerimônias.

Amélia — O seu comportamento não tem explicação.

Boaventura — Explica-se da maneira a mais fácil possível. Chamo-me Boaventura Fortuna da Anunciação, tenho cinqüenta e dois anos, sou solteiro e vim para Petrópolis passar estes três dias santos aconselhado pelos médicos.

Amélia — Não tenho o prazer de conhecê-lo.

Boaventura — As relações adquirem-se e é por isto que estou me apresentando.

Amélia (À parte) — É inaudito!

Boaventura — Eu bem sei que deve ser até certo ponto estranhável este meu procedimento, mas estou certo de que a senhora no meu lugar faria o mesmo. Faria o mesmo, sim, não se admire; porque, enfim, não havendo mais lugares nos hotéis, é justo que se entre pela primeira porta que se encontra aberta para pedir uma pousada.

Amélia — Ah! Agora compreendo. E pensa o senhor que a minha casa é estalagem?

Boaventura — A senhora diz isto porque não imagina a balbúrdia que vai por aí. (Mudando de tom) É verdade, o seu nome? Como temos de morar juntos por alguns dias, é justo que saiba desde já com quem vou ter a honra de tratar.

Amélia (À parte) — E então?

Boaventura — Tem cara de que se chama Bonifácia! Aposto que acertei. Que sarilho, Dona Bonifácia! O Bragança está cheio como um ovo: dorme-se ali por toda a parte, sobre os bilhares, sobre a mesa de jantar, a de cozinha, em cima do piano, pelos corredores, na escada, até a própria sala do baile alemão já foi transformada em dormitório. O Du Jardin está que é uma lua cheia, o MacDowalis vomita gente pelas janelas e portas.

Amélia — Ainda tem o recurso do hotel dos Estrangeiros, senhor.

Boaventura — Pois não, fresco recurso! Cansado de andar correndo Seca e Meca, fui lá bater anteontem, às 9 horas da noite e a muito custo consegui que dois hóspedes que lá estavam e que deviam dormir na mesma cama, cedessem-me um lugar no meio, observando-me o dono da casa que nada tinha que pagar por ser aquilo um obséquio que os dois sujeitos me faziam. Instalei-me no centro e quando

princiPIava a conciliar o sono, começaram os companheiros das extremidades a brigar por causa do lençol. O dito era na realidade um pouco curto! Um puxava daqui, outro dacolá, até que afinal um deles zangado perguntou-me: o senhor também não puxa? Eu que me achava bem acomodado e que estava gostando do fresco, disse-lhe: — Meu caro senhor, eu não puxo porque não paguei. Não acha que respondi bem?

Amélia — Esta resposta define-o.

Boaventura — Os tais companheiros não quiseram mais me receber. Ontem dormi ao relento nos bancos da porta do hotel de Bragança. Sabe a Senhora Dona Bonifácia o que é dormir aqui ao relento, alumiado pelos pirilampos, ouvindo uma orquestra diabólica de sapos? Hoje não estou disposto a passar a mesma noite e portanto instalo-me aqui. A casa convém-me, é bastante espaçosa, arejada, está em um belo sítio.

Amélia — Ou eu estou sonhando ou o senhor é de um desfaçamento sem igual!

Boaventura — Nem uma nem outra coisa.

Amélia — Quer então instalar-se aqui?

Boaventura — Se não lhe der isto grande incômodo...

Amélia — Ah! Essa é boa! Provavelmente há de querer também que lhe dê carro para ir ao bois todas as tardes, um ginete para ir à Cascatinha.

Boaventura — Não, eu cá dispenso essas coisas; prefiro boa mesa e boa cama. Mas, agora reparo, a senhora tem um vestido chibante.

Amélia — Acha?

Boaventura — Gosto de ver como anda esta gente por aqui! Caudas de seda e de veludo a varrerem a lama das ruas, os homens todos enluvados com enormes catimplórias na cabeça e alguns até de casaca com luvas cor de papo de canário. Gosto disto. Assim é que eu entendo viver em campo. Porém, eu estou tomando-lhe o tempo. Vá tratar de arranjo da casa. Provavelmente ainda não almoçou e enquanto se prepara o almoço, há de permitir-me que me entregue por alguns momentos à leitura.

Amélia (À parte) — Estou pasma. (Boaventura senta-se, tira um livro do bolso e lê) O que está lendo?

Boaventura — Um livro precioso.

Amélia — Deveras?

Boaventura — Preciosíssimo!

Amélia — O que vem a ser então esse livro?

Boaventura — Intitula-se: Manual prático do celibatário. É a vigésima edição.

Amélia — Deve ser uma obra interessante.

Boaventura — Interessantíssima. Este livro jamais me abandona. É o meu breviário, o meu evangelho, a cartilha por onde rezo...

Amélia — Sim? Estou curiosa por saber o que ele contém.

Boaventura — Nada mais nada menos que todos os meios de que uma mulher pode lançar mão para enganar um homem.

Amélia — E estão aí todos esses meios?

Boaventura — Todos, todos, um por um. A este filantrópico livrinho devo a liberdade de que gozo. Leio-o todos os dias pela manhã, em jejum, ao meio-dia e à noite antes de me deitar.

Amélia — Acho-o pequeno demais para a vastidão do assunto.

Boaventura — Oh! Mas isto é essência e essência muito fina.

Amélia — De maneira que não há mulher que possa hoje enganá-lo.

Boaventura — Desafio a mais pintada.

Amélia (À parte) — Este homem é um original! Oh! Que idéia! Não há dúvida, é um presente que o céu me envia para realizar o que pretendo. Mãos à obra. (Alto com meiguice) Senhor Boaventura?

Boaventura — O que é, Dona Bonifácia?

Amélia — Não me trate por este nome. Eu me chamo Amélia Teixeira, a mais humilde de suas criadas.

Boaventura — Oh! Minha senhora! (À parte) Que metamorfose!

Amélia — Não acha bonito o nome de Amélia?

Boaventura — Encantador! Conheci uma Amélia a quem amei com todas as veras de minha alma.

Amélia — Ah! Já amou?

Boaventura — Muito!

Amélia — Acaso poderei saber quem era essa criatura feliz, esse ente venturoso, com quem o senhor repartiu os tesouros de um afeto tão puro? (Lançando um olhar lânguido)

Boaventura — Pois não, minha senhora. Era minha avó. (À parte) E esta! Que olhos que me deita!

Amélia (Suspirando) — Ai! Ai!

Boaventura (À parte) — Suspira para aí que comigo não arranjas nada.

Amélia — Senhor Boaventura?

Boaventura — Minha senhora?...

Amélia — Não conhece febre?

Boaventura — Todos nós mais ou menos somos médicos. Está doente?

Amélia — Não me sinto boa.

Boaventura — O que tem?

Amélia — Uma dor aqui. (Aponta para o coração)

Boaventura — Isto é constipação. Tome um chá de sabugueiro, abafe-se bem e ponha um sinapismo na sola dos pés. (À parte) Não me apanhas não, mas é o mesmo.

Amélia — Tenha a bondade de examinar o meu pulso.

Boaventura (À parte) — E esta! (Levanta-se e examina-lhe o pulso, à parte) Que mão, santo Deus! (Alto) Não é nada. (À parte) Cuidado, Senhor Boaventura. Faça-se firme e compenetre-se das verdades preciosas do seu livrinho. (Senta-se e continua a ler)

Amélia (À parte) — Está a cair no laço. (Alto) Chegue a sua cadeira mais para cá.

Boaventura — Estou bem aqui, minha senhora.

Amélia — Ora, chegue-se mais para cá, eu lhe peço.

Boaventura — E que aí deste lado bate o sol...

Amélia — E o senhor tem medo de queimar-se?

Boaventura (À parte) — Não há dúvida! Esta mulher está mesmo me provocando.

Amélia — Chegue a sua cadeira.

Boaventura (À parte) — Sejamos forte. (Chega a cadeira)

Amélia — Feche este livro. Vamos conversar. (Fecha o livro)

Boaventura (À parte) — Que olhos! Parecem lanternas! Estou aqui, estou perdido.

Amélia — Dê-me a sua mão.

Boaventura (Dando a mão, à parte) — Santa Bárbara, São Jerônimo! Que veludo!

Amélia — Diga-me uma coisa. Nunca amou a mais ninguém neste mundo, senão a sua avó?

Boaventura — Se quer que lhe responda, largue-me a mão.

Amélia — Por quê?

Boaventura — É que estou sentindo uns arrepios como se estivesse com sezões.

Amélia — Diga. Nunca amou a ninguém?

Boaventura (Terno) — Não, porém agora sinto que se opera dentro de mim uma revolução como jamais senti. Eu amo uns olhos negros que me fascinaram, mas largue a minha mão pelo amor de Deus, não me perca.

Amélia (À parte, rindo-se) — Ah! Ah! Ah!

Boaventura — Sim, eu amo uma... amo... quero dizer... amo uma mulher, que é a estrela do meu firmamento. (À parte) Já não sei o que digo. Atiro-me de joelhos aos pés dela, e está tudo acabado.

Amélia — E quem é essa mulher?

Boaventura (Atirando-se de joelhos) — Dona Amélia, tenha pena de um desgraçado que a adora. A seus pés deposito o meu nome e a minha fortuna!

CENA IV

Os mesmos e **Catarina**

Catarina (Entrando às pressas) — Minha ama, minha ama, meu amo chegou. Aí vem o carro.

Amélia — Jesus!

Boaventura — Teu amo? Então a senhora é casada?

Amélia — Sim, senhor e com um homem que é ciumento como um Otelo!

Boaventura — Mas por que não me disse isto logo!

Amélia — Saia, senhor: se ele pilha-o aqui, mata-o.

Boaventura — Estou arranjado! (Para Catarina) Dá cá a minha mala e as parasitas.

Catarina — Ande, senhor, avie-se. (Boaventura vai a sair pela porta do fundo)

Amélia — Por aí não; vai esbarrar-se com ele.

Boaventura — Quem me mandou vir a Petrópolis?!

Amélia — Esconda-se ali, naquele quarto.

Boaventura — E depois?

Amélia — Esconda-se ali, já lhe disse. (Boaventura esconde-se no quarto, Amélia tranca a porta e fica com a chave)

CENA V

Amélia, Catarina e depois **Luís**

Catarina — O que fazia aquele sujeito a seus pés, minha ama?

Amélia — Saberás daqui a pouco.

Luís (Entrando com uma mala e diversos embrulhos) Querida Amélia. (Dá-lhe um beijo. Catarina toma a mala e os embrulhos)

Amélia — Que saudades, Luís! Estes dois dias que estiveste na corte pareceram-me dois séculos.

Luís — Foi o mesmo que me aconteceu, meu anjo. Venho cheio de abraços e beijos que te enviam tua mãe, as manas, tuas primas... É verdade, a Lulu manda-te dizer que morreu aquele celeberrimo felpudo que lhe deste.

Amélia — O Jasmim? Coitadinho!

Luís — Lá ficou toda chorosa. Está inconsolável a pobre menina. Como vai isto por aqui?

Amélia — Cada vez melhor.

Luís — Tem subido muita gente?

Amélia — Não imaginas. Anteontem vieram vinte e dois carros, ontem outros tantos... Isto está que é um céu aberto. Que luxo, Luís!

Luís — Trouxe-te duas ricas túnicas que comprei na Notre Dame. Disse-me o caixeiro que eram as únicas que vieram.

Amélia — E como deixaste o Rio?

Luís — Está que é uma fornalha do inferno, Amélia. A febre amarela de mãos dadas com o calor, a bexiga, a companhia City Improvements e o canal do Mangue têm matado gente que é uma coisa nunca vista. Lê o obituário e verás. Ontem fui ao Alcazar...

Amélia — Ah! Tu foste ao Alcazar?

Luís — Mas não pude aturar mais do que o primeiro ato da peça. Saí alagado! (Vendo Catarina, que deve estar inquieta olhando para à porta por onde entrou Boaventura) Mas que diabo tem esta rapariga que está tão assustada?

Catarina — Não tenho nada, não, senhor.

Amélia — É que...

Luís — É que o quê?

Amélia — É que na tua ausência deu-se aqui uma cena um pouco desagradável...

Luís — Uma cena desagradável?!

Amélia — Sim...

Luís — Mas que cena foi esta?

Amélia — Não te amofines, eu te peço.

Luís — Fala... que estou sobre brasas.

Amélia — Prometes-me que não darás escândalo?

Luís — Amélia, eu tremo de adivinhar.

Amélia — Adeus, adeus: se comesças deste modo não conseguirás coisa alguma.

Luís — Anda, fala.

Amélia — Introduziu-se há pouco um sedutor em minha casa...

Luís — Um sedutor?! Onde está ele?! Onde está este miserável?

Amélia — Ajudada por Catarina e pelos escravos consegui prendê-lo naquele quarto, a fim de que pudesse receber de tuas mãos o castigo que merece.

Luís — Tu me pagarás já, patife. (Vai à porta do quarto)

Amélia — Onde vais?

Luís — Sufocar o bigorilhas.

Amélia — Queres arrombar a porta?... Espera. Toma a chave.

Luís — Dá cá; dá cá. (Recebe a chave)

Amélia (Rindo-se) — Ah! Ah! Ah!

Luís — E tu te ris?

Amélia — J'y pense, j'y pense.

Catarina — Ah! Ah! É boa, é boa. Foi o primeiro objeto que meu amo recebeu e portanto perdeu o jogo.

Luís — Ah! Velhaca! Lograste-me.

Amélia — Ah! ah! ah! Confessa que perdeste e que foi uma maneira engenhosa de eu ganhar a Philippina.

Luís — És mulher e basta.

Amélia — Lembras-te do que convenciamos?

Luís — Sim, levar-te-ei para a corte todos os invernos. Mas olha que me meteste um susto!...

Amélia (Para Catarina) — Apronta o almoço. (Para Luís) Vai mudar de roupa.

Luís — Velhaca... (Sai)

CENA VI

Amélia e Boaventura

Amélia (Abrindo a porta) — Saia, senhor.

Boaventura — Já se foi?

Amélia — Já.

Boaventura — Não me meto em outra. Parto para a corte e não me apanham tão cedo.

Amélia — Antes de sair diga uma coisa.

Boaventura — O que é, minha senhora?

Amélia — Ouviu o que se acaba de passar entre mim e meu marido?

Boaventura — Ouvi tudo, mas não compreendo coisa alguma.

Amélia — Não me disse há pouco que naquele livro encontram-se todos os recursos de que uma mulher pode servir-se para enganar um homem?

Boaventura — Sim, senhora.

Amélia — Pois acrescente lá esse meio de que uma mulher lançou mão para enganar a dois homens. Ah! Ah! Ah! Boa viagem.

(Boaventura sai)

(Cai o pano)

FIM